

# Resumo

Não foi de toda alietória a escolha da obra *Lolita* de Vladimir Nabokov como ponto de partida para esta tese. Apesar de ser um livro muito tratado, continua pela sua complexidade a exercer um fascínio imanente sobre os seus leitores. No cerne deste livro encontram-se fundidos séculos de tradição literária, onde são reinventadas velhas fórmulas e conceitos estéticos, com um sentido de humor implacável e inteligente característico de Nabokov. Um dos tópicos primordiais desta obra coincide com a preocupação fundamental desta tese: desvendar a dialéctica entre a Europa e a América representada pelos personagens aparentemente antiéticos – Humbert, o erudito cavalheiro europeu, e Lolita, a rude ninfeta americana.

Simultaneamente, esta tese busca as ligações culturais entre os dois continentes, tendo como pano de fundo uma época muito agitada – o pós-Segunda Guerra Mundial. Um grande número de académicos já anteriormente se debruçou sobre este tópico, em especial Ellen Pifer, que no seu ensaio “Nabokov’s Novel Offspring” argumenta que o nome de Lolita está hoje irreversivelmente ligado à noção de juventude americana sexualizada, enquanto Humbert, por sua vez, é conectado com o langor e nostalgia de uma sociedade europeia em colapso.

A questão do abismo intercontinental é recorrentemente associada às diferenças intrínsecas presentes nos dois protagonistas de *Lolita*. Esta suposição não é de todo desprovida de sentido, afinal os personagens principais deste romance são verdadeiramente díspares – a primeira é uma vivaça adolescente americana, enquanto o segundo é um melancólico académico europeu. Assim, estabeleceu-se um dos pontos-chave que permeará toda esta tese: a relação de contrastes entre Lolita e Humbert, bem como aquilo que Pifer apelidou da divisão entre “o mundo das crianças” e “o mundo dos adultos” (85). Tal dialéctica será correlacionada com a fascinação americana pela relação familiar entre pais e filhas, que se estendeu mesmo ao grande ecrã, exprimindo-se no emparelhamento de jovens actrizes com galãs de meia-idade. Esta marca conceptual do pós-guerra americano auxiliará a perspectivar a relação desequilibrada entre Lolita e Humbert, não só a nível etário, como a nível cultural.

Ao transformar a ligação entre Humbert e Lolita em algo mais que uma simples divisão cultural, esta tese procura investigar temas menos discutidos no universo académico, tal como a contraditória descrição de Lolita. Como pode ela ser um símbolo da inocência americana se, apesar da sua extrema juventude, ser descrita por muitos críticos como insidiosa e manipuladora? Ou por outro lado, como é possível descrever Humbert como um cavalheiro e um louco, sem se incorrer num paradoxo? Estará Nabokov a desafiar as noções estereotipadas dos seus leitores, aventando que não

existe uma ingenuidade verdadeiramente pueril e assim, simultaneamente, também não existe uma corrupção totalmente irreversível?

Mais ainda, esta dissertação procura ir para lá dos clichés inerentes à dicotomia Velho versus Novo Mundos, aprofundando a ambiguidade moral dos seus protagonistas, tratando-a também como uma extensão das suas dialécticas culturais. Talvez, na verdade, a fenda transcontinental, não seja tão simplista quanto muitos académicos defenderam mas possua uma duplicidade e obscuridade que espelham as de Lolita e Humbert.

A irregularidade de Humbert como narrador fidedigno dificulta ainda mais a tarefa de descobrir onde começa a realidade histórica e quotidiana e termina a poesia; ou seja, onde se submerge a adolescente e nasce a ninfeta. Esta relação ambígua entre facto e ficção ecoa o tópico primordial desta tese: onde acabam as concepções míticas sobre Velho e Novo Mundos e onde se inicia a realidade? Será o abismo entre ambos assim tão intransponível? Ou conseguirá o leitor atento encontrar pontos de contacto entre os dois continentes, descobrindo por fim as qualidades redentoras que permitiram ao amor de Humbert por Lolita triunfar, apesar dela ter persistido sempre como um mistério aos olhos dele?

A metodologia desta tese procura espelhar as extensas viagens deste malogrado casal. O primeiro capítulo começa por investigar o lendário antagonismo entre América e Europa, numa tentativa de compreender o que tem alimentado a relação de alteriedade entre estes continentes. Este capítulo discutirá ainda se será possível colocar Humbert como um paradigma da Europa destruída pela guerra, enquanto Dolores representa o optimismo do pós-guerra americano. O facto do narrador de *Lolita* ser caracterizado como um estudioso erudito também permitirá uma breve discussão acerca das referências (e preferências) literárias de Humbert e como estas o moldaram num peculiar protagonista.

O segundo capítulo traça as principais ansiedades e acontecimentos da época compreendida entre 1945-1959, com especial ênfase no ângulo americano. Tal contextualização procura providenciar uma explicação mais pormenorizada, política, histórica e cultural, do cenário em que a obra de Nabokov se desenrola.

Um foco específico na cultura cinematográfica da época, bem como nos seus estereótipos, auxiliará à delimitação do abismo entre Europa (Humbert) e América (Lolita). Desta preocupação com a cultural visual e os seus protótipos comportamentais nascerá uma discussão sobre aparências enganosas – um dos pontos fundamentais no trabalho de Nabokov. Citar-se-á ainda outros exemplos da mesma coragem literária e cinematográfica, nomeadamente o romance *Peyton Place* de Grace Metalious (1956) e o filme *Rebel without a Cause* (1955) de Nicholas Ray, visto que ambos lidam com temas previamente abordados em *Lolita* – incesto, ineficiência parental, jovens rebeldes e falsas aparências.

O terceiro capítulo centra-se na arquitectura da cultura americana da juventude e irá argumentar a possibilidade de Lolita ser vista como um símbolo deste particular nicho cultural. Ao dissecar as características inerentes ao “the world of tough kids” será mais fácil perspectivar Lolita como uma personagem integrada num meio muito específico e volátil. A onda de promiscuidade feminina, o aparecimento ícones cinematográficos como o jovem rebelde, a dita cultura consumista em que se originaram estes modelos, e que propiciaram a alteridade entre Dolores Haze, a jovem inquieta e a ninfeta Lolita. Procurar-se-á investigar se existe realmente uma diferença fundamental entre elas, ou se não são só apenas duas faces da mesma criação americana do pós-guerra – a jovem adolescente, por definição autoritária, irascível e sedutora.

O quarto capítulo debruçar-se-á sobre a relevância que a velocidade e a paralise têm na obra de Nabokov. São os tempos opostos propositados? Será Lolita deliberadamente ávida e veloz, enquanto Humbert é descrito como lânguido e voyeurista? Haverá uma correlação essencial entre meia-idade e morosidade, ou entre adolescência e rapidez? E poderá a perda ser associada com estes dois conceitos? Poderá Humbert simbolizar uma Europa paralisada enquanto Lolita simboliza a América da velocidade? Poderá a ferida existencial de Humbert, encarnada na perda precoce de Annabel Leigh, estar no centro da sua estagnação emocional? Poderá o jogo de sedução de Lolita ser encarado como uma marca da sua ingenuidade nacional ou, antes, da sua insidiosa corrupção?

O quinto e último capítulo analisa estas questões enquanto se debruça sobre as adaptações cinematográficas a que *Lolita* deu origem: o filme de 1962 assinado por Stanley Kubrick e a versão de Adrian Lyne de 1997. Revolvendo em redor das supracitadas dialécticas e dúvidas, este capítulo tentará encontrar o conjunto de actores, argumentistas e realizadores que melhor traduziram o universo literário de Nabokov na grande tela. Devido ao estilo complexo e à linguagem luxuriante em que foi escrito, as escolhas de cada realizador são preciosas para entender as diversas abordagens a que o romance se propõe, bem como para desvendar o peso que a época e a cultura particular de cada realizador teve no produto final.

Apesar de muitas outras questões permearem esta dissertação, estas são aquelas que funcionarão como fio condutor da ideia principal aqui discutida – a relação entre Velho e Novo Mundos através das personagens principais da obra de Nabokov. No fim espero ter sugerido novas pistas para perspectivar as ambiguidades de *Lolita*, e reflectir sobre a noção de que a América e a Europa são dois colossos impermeáveis. O objectivo desta dissertação é, acima de tudo, demonstrar que devido à complexidade do tema, a ligação entre os dois territórios supracitados estará sempre aberta à discussão, tornando-se assim tão perene e sedutor como o laço que une Humbert à sua Lolita.